

Santa maternidade

(Preito de amizade a dois companheiros do pretérito, atualmente reencarnados em provação regenerativa.)

Recordo, castelã!... O narciso trescala
Do teu colo a fulgir de jóias soberanas...
Alguém morre na festa... E, soberba, te ufanas
Do jovem que impeliste ao suicídio na sala.

Tempos correram, presto... Entre humildes choupanas,
Trazes agora ao peito um filhinho sem fala,
Mutilado ao nascer, flor que se despetala,
No trato de aflição da prova em que te fanas...

Restauras, padecente, a vítima de outrora,
Ontem, transviada e ré, hoje, mãe que ama e chora!...
Salve a reencarnação, passaporte ao futuro!

Mãe, agradece a dor!... No porvir que vem perto,
Brilharás como estrela, ante o filho liberto,
E alcançarás, ditosa, o reino do amor puro!...

EPIPHANIO LEITE

A porta

Se trabalhas na porta,
Ao acolher alguém,
Oferta de ti mesmo
A mensagem do bem.

A porta aberta exige vigilância,
Justo pensemos nisso;
A prudência, entretanto, não exclui
Atenção e serviço.

Frequentemente aquele que te busca,
Ainda mesmo quando não te agrada,
E' um companheiro que procede, em crise,
Da terra triste da necessidade.

Viajores, pedintes, consulentes
Nem sempre se revelam como são...
Muito espírito nobre do caminho
Traz cravadas no peito as marcas da aflição.

A porta unida à rua
É um dos pontos mais santos que há no lar;
Se te dispões a receber quem chama,
Exerce o privilégio de ajudar...

Fôssemos nós da fila dos que passam
Na longa e desditosa caravana,
Quanto agradecimento a quem nos desse
Leve parcela de ternura humana!

O olhar de compreensão, o sorriso de paz,
O entendimento, uma palavra boa,
São migalhas de amor que enaltecem a vida
E que a vida abençoa...

Crês na esperança como crês no Céu,
Dizes que a caridade te conforta,
Não negues, desse modo, a quem te pede auxílio
A bondade na porta.

MANOEL MONTEIRO

Causa e efeito

«Bate!...» — ordena o senhor, em subido mirante,
Ao capataz que espanca o escravo fugitivo —
«Bate mais!... Bate mais!...» E o mísero cativo
Estorcega-se e geme ao látego triunfante.

Esse vai, outro vem... A mesma voz troante
Ao rebenque feroz... O mesmo olhar altivo!...
Cada servo a tombar, padeça, morto vivo,
Cada corpo a cair nunca mais se levante!...

Morre o senhor, um dia... E, Espírito culpado,
Em pranto, roga a Deus lhe corrija o passado...
Renasce e serve ao bem, atormentado embora!...

Hoje, em leito fidalgo, a dor lhe impede a fala,
Sente no peito em fogo o relho da senzala
E estorcega-se e geme ao câncer que o devora!...

SILVA RAMOS